

# Narrativas sobre a ciência e a saúde em jornais goianos oitocentistas<sup>1</sup>

Ysabella de Medeiros Portella<sup>2</sup>

Graduanda

Rosana Maria Ribeiro BORGES<sup>3</sup>

Doutora

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

## Resumo

O estudo analisa as narrativas sobre a ciência e a saúde em jornais goianos que circularam no século XIX, com foco no Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara, a primeira casa de saúde civil da Província de Goyaz, na saúde pública, no higienismo e no cientificismo. O principal corpo teórico dialoga com autoras que analisam a História da Imprensa em Goiás e com outros estudiosos do tema específico que, apesar de ser inédito, possui pesquisas que se correlacionam em algumas dimensões. De abordagem qualitativa, a análise de narrativas foi apontada como principal método, enquanto o levantamento bibliográfico e a pesquisa documental alicerçaram os instrumentos metodológicos. As considerações apontam que os jornais goianos oitocentistas conseguiram inserir o debate sobre a saúde pública e a ciência em suas páginas, cumprindo funções informativas e instrutivas.

**Palavras-chave:** História do Jornalismo; História da Imprensa Goiana; Narrativas Jornalísticas; Ciência e Saúde.

## Considerações Iniciais

O presente artigo expõe aspectos de dois movimentos de investigação mais amplos desenvolvidos junto ao Grupo de Pesquisa História da Comunicação em Goiás<sup>4</sup>, quais sejam: 1) projeto de pesquisa intitulado “O impacto social, cultural e econômico das pesquisas fomentadas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) na sociedade goiana: memórias, perfis e propostas para a popularização da ciência, da tecnologia e da inovação”, no qual a autora atua como bolsista e a coautora é coordenadora geral de várias ações, tais como série videográfica, produção de podcast e elaboração do livro “História da Ciência Goiana: Fapeg 15 anos”; 2) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) denominado “A ciência em jornais goianos do século XIX: registros, narrativas e historicidades” que foi

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia. Este trabalho é concorrente ao Prêmio José Marques de Melo.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: portela.jornalismo@gmail.com.

<sup>3</sup> Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: rosana\_borges@ufg.br.

<sup>4</sup> Cadastrado no CNPq e certificado pela UFG. Link para o espelho do Grupo: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/514638>.

elaborado pela autora e orientado pela coautora em formato de monografia que dialoga com o supracitado livro sobre a história da ciência em Goiás<sup>5</sup>.

Tanto no que concerne ao livro quanto ao TCC, as pesquisas empreendidas pela autora com orientação da coautora têm como foco analisar as primeiras atividades científicas goianas no século XIX, cujo recorte apresentado ao XIII Encontro Nacional de História da Mídia está nas narrativas sobre a ciência e a saúde em jornais goianos oitocentistas. Compreende-se que o estudo de periódicos, além de proporcionar um profundo mergulho no contexto histórico, pode traduzir-se em acessos e leituras que iluminam o tempo presente ao reconstruir memórias e sentidos culturais. Acerca do assunto, Borges e Barbosa (2020) pontuam que “[...] os conteúdos dos veículos de jornalismo são produzidos em tempos e períodos referenciados histórica, cultural e socialmente, traduzindo-se em registros documentais que perenizam narrativas e discursos dotados de memórias” (BORGES; BARBOSA, 2020, p. 174).

É importante ressaltar que os campos da historiografia da imprensa e da própria ciência goiana ainda estão em construção em virtude da ausência ou da escassez de obras que os abordem com o olhar científico e comunicacional. São quase 200 anos de produção jornalística em Goiás que registram memórias, existências e mudanças contentoras de reinvenções de estilos e concepções. Desse modo, recorrer aos primeiros periódicos que por aqui circularam traduz-se em uma forma privilegiada de acessar cotidianos, narrativas e memórias. Além disso, quando este movimento é alinhado a uma base teórico-metodológica que, na presente pesquisa está alicerçada nos Estudos Histórico-Culturais, é possível construir leituras e olhares reveladores de particularidades do território goiano oitocentista, como é o caso da ciência e da saúde.

Acerca do uso de jornais em pesquisas científicas, Cruz e Peixoto (2007) afirmam que no Brasil é muito comum que os periódicos constem apenas como fontes subsidiárias ou secundárias: “A história da imprensa e dos meios de comunicação apresenta-se como momento derivado e paralelo, quando não, meramente acessório da grande história política ou social de nosso tempo” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 257). Num movimento oposto a essa tendência, a proposta deste estudo é ter os periódicos goianos oitocentistas como o centro da pesquisa sobre a ciência e a saúde, contribuindo dessa forma para o campo historiográfico e buscando entender as peculiaridades do tempo/espço no qual tais jornais estão inseridos.

---

<sup>5</sup> A banca examinadora foi presidida pela professora orientadora Dra. Rosana Maria Ribeiro Borges e pela profa. Dra. Ana Carolina Rocha Pessoa Temer, conforme preconiza o Regulamento do TCC do Curso de Jornalismo da FIC/UFG e atribuiu a nota 10,0 (dez) com louvor ao TCC defendido.

Este estudo foi alicerçado na pesquisa qualitativa, numa compreensão de que essa abordagem auxiliaria na construção narrativa acerca do modo como os jornais goianos do século XIX registraram o surgimento da ciência e suas historicidades envolvidas. Para Godoy (1995), a “[...] abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques” (GODOY, 1995, p. 21).

O método de abordagem foi a análise de narrativas, compreendida como sendo o procedimento mais adequado para conseguir contextualizar o objeto de pesquisa (a ciência e a saúde em jornais goianos oitocentistas) em um determinado tempo/espço (território goiano no século XIX). Acerca da análise de narrativas, Bastos e Biar (2015) compreendem que ao analisar as narrativas do passado, é possível sobrevivê-lo através dos documentos deixados a partir de uma construção ativa e não de descobertas. Já Motta *et al* (2004) afirma que ao analisar as narrativas presentes em um jornal, é preciso que o pesquisador tenha um trabalho contínuo, pois “[...] não é uma única e isolada notícia onde encontraremos uma narrativa a contar uma história, mas num conjunto delas sobre o mesmo assunto, no contínuo acompanhamento de fatos que se sucedem” (MOTTA *et al*, 2004, p.36), possibilitando, portanto, identificar e interpretar diferentes signos nesta abordagem.

Os instrumentos de coleta, sistematização e análise dos dados utilizados foram o levantamento bibliográfico e a pesquisa documental. O primeiro é um aparato para reunir informações acerca do tema estudado que também fornece um suporte essencial para a pesquisa. No que diz respeito à importância da pesquisa bibliográfica, Cartoni (2009) pontua que esse instrumento “[...] procura analisar e conhecer as contribuições culturais ou científicas existentes sobre um determinado assunto, explicando um problema a partir desse levantamento” (CARTONI, 2009, p. 29). Dessa forma, apesar deste trabalho contemplar um tema praticamente inédito, os raros materiais já existentes contribuíram com o início da pesquisa. Já a pesquisa documental foi uma das grandes bases deste estudo. Os jornais oitocentistas goianos são materiais brutos, sem qualquer análise angulada pelo tema dessa pesquisa, ou seja, as narrativas sobre ciência e saúde no território goiano oitocentista. Neste caso, de acordo com Fontelles *et al* (2009), a presente pesquisa documental se enquadra em uma fonte primária “[...] cuja origem remonta à época que se está pesquisando, ainda não analisadas e que, frequentemente, foram produzidas pelas próprias pessoas estudadas” (FONTELLES *et al*, 2009, p. 7).

Os periódicos analisados estão disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional<sup>6</sup>. No site, o primeiro jornal disponível no século XIX em Goiás é o *Correio Oficial de Goyaz* (1837). Porém, no acervo constam outros 17 impressos goianos, sendo que muitos vinculam-se à produção jornalística oitocentista. Para a filtragem de dados, foram usadas palavras chaves relacionadas à ciência e à saúde. Além disso, recorreu-se ao acervo digitalizado e disponibilizado em PDF do jornal *A Matutina Meiapontense*, especificamente no que concerne à temática da ciência, das escolas de primeiras letras e às iniciativas de fomento à bibliotecas, hospitais e tratamentos de saúde no território goiano na primeira metade do século XIX. Para a realização da busca por palavras chaves, o PDF do jornal *A Matutina Meiapontense* foi convertido em OCR, pois este acervo é composto por 526 edições do periódico, o que tornaria impossível a efetivação da pesquisa sem esse mecanismo de rastreio de conteúdo a partir de categorias ligadas ao objeto do estudo.

O movimento de exposição dos dados do presente estudo inicia-se com uma breve discussão sobre o território goiano oitocentista que culmina na imprensa periódica e localiza as narrativas sobre saúde e ciência nos jornais goianos oitocentistas, com foco no Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara, a primeira casa de saúde civil da Província de Goyaz. Em seguida, são tecidas análises acerca da saúde pública, do higienismo e do cientificismo a partir das narrativas dos periódicos goianos que circularam no século XIX e as considerações finais.

### **Notas sobre o território goiano oitocentista**

A narrativa histórica acerca da reocupação do estado de Goiás geralmente tem início com o caminho dos bandeirantes no século XVIII. Até então, este território era apenas uma rota de passagem para interiorização de terras ainda não conhecidas no Brasil. A prioridade dos que passavam ali era o mapeamento da região, a captura de mão-de-obra escrava e evangelização das comunidades nativas. Essas terras eram conhecidas por serem habitadas por “gentio bárbaro, em aldeias do reino deles” (BORGES, 2020, p. 2).

Em 13 de janeiro de 1720, o pedido para expedições pelo interior do país em busca de pedras preciosas foi expedido por Bartolomeu Bueno da Silva e João Leite da Silva Ortize Domingos Rodrigues do Prado. Meses depois, em 14 de junho de 1720, o rei de Portugal D. João V autorizou o adentramento, com a condição de que o governador da Capitania de São Paulo pudesse auxiliá-los. Em troca, o que viera a comandar as tropas, Bartolomeu Bueno da

---

<sup>6</sup> Site disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 12 mar. 2021.

Silva, conhecido posteriormente como Anhanguera, poderia explorar rios e as terras que descobrisse (BORGES, 2020, p. 2). A história goiana que se conhece hoje em dia começa a partir desta expedição. Uma história de mapeamento espacial, exploração e captura de povos indígenas para mão de obra escrava. A ciência, aos moldes dos tempos atuais, não era pensada nessa época, tampouco naquele território do sertão brasileiro, hoje denominado Goiás.

Os primeiros registros científicos sobre Goiás foram efetivados por expedicionários estrangeiros, tais como Luís D'Alincourt e Auguste de Saint-Hilaire que, de acordo com Borges e Barbosa (2020), estiveram no território goiano, respectivamente, em 1818 e 1819. Mas somente a partir de 1830, quase um século depois do início das expedições, é que as atividades impressas começaram a ocorrer na então Província de Goyaz e o campo científico ganhou as páginas dos jornais por meio do *A Matutina Meiapontense*, o primeiro impresso do Centro-Oeste brasileiro que circulou entre 1830 e 1834 em Meia Ponte (atual Pirenópolis) sob os auspícios do Comendador Joaquim Alves de Oliveira e do grupo intitulado “liberais moderados” (BORGES, BARBOSA, 2020). Com o tempo, o impresso meiapontense tornou-se o veículo oficial de Meia Ponte, de Goiás e do Mato Grosso, pois era através deste periódico que a população ficava sabendo sobre legislações, demandas sociais, educacionais, saúde pública e acontecimentos do cotidiano locais, regionais, nacionais e internacionais.

Mais tarde, ainda no século XIX, foi o *Gabinete Literário Goiano* um dos grandes responsáveis pela difusão científica (BRETAS, 1991) e pela instalação da segunda biblioteca pública da Província de Goyaz<sup>7</sup>, fundada em 1864 na Cidade de Goiás – então capital – e existente até os dias atuais. Já no século XX, como ocorreu nas demais regiões do país, a expansão da escolarização, inclusive em nível médio e profissionalizante, juntamente com o ensino superior, também contribuiu para disseminação da ciência. Como parte inerente aos processos históricos, a ciência não ocorre isolada da produção social, portanto, pensar sobre a cultura da leitura na época e na dificuldade do acesso ao ensino, auxilia na percepção de que ler e escrever nos anos oitocentistas, principalmente no território brasileiro, constituíam um sinal de ascensão social, ou seja, eram atividades correlatas à elite.

---

<sup>7</sup> Em Meia Ponte, hoje atual Pirenópolis, surgiu a primeira biblioteca pública; o primeiro professor público de boas letras, para o ensino de leitura; o primeiro jornal do Centro-Oeste e o primeiro do Brasil a ser editado fora de uma capital, o *Matutina Meiapontense*, que servia também como correio oficial para a Província de Goiás e de Mato Grosso; o primeiro cinema, o *Cine-Pireneus*; e três teatros na virada do século XIX para o XX. Com tudo isso, ganhou a fama de Berço da Cultura Goiana. Informações do Portal do Turismo de Pirenópolis, na aba Cultura>História, disponível em <https://pirenopolis.tur.br/cultura/historia#:~:text=Piren%C3%B3polis%20foi%20fundada%20em%202007,sofreu%20a%20decad%C3%A2ncia%20em%201800>. Acesso em: 28 maio, 2021.

## Saúde e Ciência nos Jornais Goianos Oitocentistas

Nas luzes da segunda década do século XIX, foi fundado na Província de Goiás o primeiro hospital civil do território. Anteriormente, existia o Hospital Real Militar que atendia militares e parcelas populacionais, tendo sido extinto em 1827, ou seja, cinco anos após a proclamação da Independência do Brasil. O Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara é datado de 1825 e foi autorizado na regência de D. Pedro I através da Carta Imperial de 25 de janeiro deste mesmo ano, com o objetivo de prestar assistência aos enfermos, pobres, indigentes, homens livres e escravizados.

**Figura 1 - Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara**



Fonte: Institucional do Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara - 196 anos de História<sup>8</sup>

Sendo um hospital de caridade, era preciso apresentar um atestado de pobreza, que poderia ser emitido pelo pároco responsável ou pelo governo da Província. Para o tratamento das pessoas escravizadas, era preciso que o “senhor” se responsabilizasse pelo custeio. Com preços modestos, atendia também soldados do exército e os presos (MAGALHÃES, 2004). No que concerne à medicina que era praticada no território goiano oitocentista, Rabelo (2005) enfatiza que “A utilização do saber médico pelo governo na organização do espaço urbano da Cidade de Goiás, durante o século XIX, procurava controlar a saúde e o corpo das classes mais pobres, a fim de torná-las mais aptas ao trabalho e menos perigosas para as classes mais ricas” (RABELO, 2005, p. 29).

Os perigos às classes mais ricas citados pelo autor dizem respeito às questões inerentes à medicina sanitária, que eram bastante precárias em decorrência dos hábitos de higiene, de habitação e de alimentação, tanto é que passaram a ser obrigação do poder público

<sup>8</sup> Imagem retirada da seção Institucional do site do Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara. Disponível em: <http://www.hospitalsaopedro.org.br/institucional/>. Acesso em 18 de maio de 2021.

a partir de 1828. Assim, em consequência das condições gerais de vida da população, os hospitais eram tidos como lugares “disciplinares”:

Através do Hospital, impõem-se mudanças nos comportamentos individuais dos trabalhadores. Não bastava esvaziar praças e ruas dos que eram considerados pelo discurso normatizante da Câmara Municipal e Assembleia Provincial como vadios, vagabundos, doentes e mendigos. Seria necessário discipliná-los para assumirem posturas mais adequadas ao trabalho, para os hábitos higienizadores que, além de evitar o perigo do contágio da doença, evitaria a falta de braços para o trabalho [...] No Hospital, buscava-se uma totalidade, uma mudança de hábitos e costumes enraizados não somente na região dos “Guayazes”, mas em todo o país. Ele se torna uma escola, um local onde se ensinaria novos hábitos de higiene física e mental - individual - para serem difundidos no espaço privado popular. Os doentes seriam os privilegiados a desfrutarem de tanto conforto ou de tais hábitos [...] Ao ter o trabalhador como objeto, as práticas de saúde tornam-se responsáveis pela política social do corpo, traduzindo-as sob o ângulo da dominação do capital sobre o trabalho (MORAES, 1995, p. 77-79-83)

No levantamento documental empreendido no acervo do jornal *A Matutina Meiapontense*, foi percebido que, tal como observa Moraes (1995), o Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara realmente era tido como um local para esse ensinamento de “mudança de hábito” e um local de aprendizado e pesquisa. O texto, publicado em junho de 1830 na seção “Ensaio”, assim diz:

A experiencia o-tem mostrado n’esta Cidade, aonde há o Hospital de Caridade de São Pedro d’Alcantara, e aonde se-recolhem todos os pobres, que alí se-apresentaõ, que tal, ou qual entra em estado de ser curado; deixaõ-se existir na menlicidade em quanto se podem arrastar, e em ultimo estado alí vaõ morrer; a prova hé a grande quantidade de gente pobre, que tem ésta Capital, e o pequeno numero, que alí concorre à curar-se, ao menos á ter medicamentos, e hum tratamento mais regular, que á muitos tem aproveitado priucipalmente na Repartição Militar. Huma Aula de Medicina Pratica, de Cirurgia, e Farmacia, muito se-precisa, ella pode fazer os seos em saíos na Gaza do Hospital da Caridade, vigiados por bos Professores; alguns Estudantes se-aplicarão, e em quanto se-naõ pode tocár o superior da Árte, tere.nos moços instruidos, que nós diversos Arraiães saibaõ aplicár com proveito alguns remedios. A Saude Publica, e os meios de a-preservar, hé hum objecto de suma importancia; e desgraçadamente eu a-vejo entregue ao acaso: pela Lei do 1.º de Outubro de 1828, e principalmente pela de 39 dº Agosto do mesmo anno, se-encarrega ás Camaras Muicipaes todo o cuidado à este respeito; eu teã esperar, qu” as novas Camaras Municipaes verifiquem quanto lhes-expendí em Officio de 10 de Janeiro d’ este anno, é que tomem em consideraçad o melhoramento da forma de conservar u gado de consumo, e de o-matar; o exame sobre o paõ, vinho, carnes de porco cornho rompidas, e sobre tudo da farinha de milho, de que a pobresa faz hum geral uzo, e héextrahida do milho depois de fermentado, e muitas vezes depois de podre; talvez d’ahí, e do muito gasto, que se-faz das rapaduras em jacubas d’aquella farinha, resulte a grande quantidade de Opilações, e Hydropesias, que se-couhece, como molestia frequente (PRESIDENTE, 1830, p. 2)

A partir desse trecho veiculado pelo *A Matutina Meiapontense*, pode-se tecer algumas reflexões acerca da saúde pública, da falta de assistência médica e dos hábitos de higiene no território goiano oitocentista. Primeiramente, vale ressaltar que o texto faz alusão à fala de Miguel Lino de Moraes, então presidente da Província. Além do trecho citado, Moraes também denuncia a falta “daqueles que detêm a ‘arte de curar’, bem como de profissionais capazes de manipular remédios, afirmando que em todo o território goiano não haviam médicos, cirurgiões ou boticários aprovados. Ainda de acordo com o texto, a essa conjuntura somava-se a grande quantidade de pobres que buscavam atendimento no único hospital da capital, o que levava a uma quantidade considerável de pessoas que morriam pela falta de atendimento médico ou de remédios (PRESIDENTE, 1830).

Como solução para a crise de saúde pública da Província de Goyaz, o presidente aponta a necessidade de aulas de Medicina Prática, Cirurgia e Farmácia, cujos cursos poderiam utilizar o Hospital São Pedro de Alcântara como um “laboratório” para as práticas. Miguel Lino de Moraes ainda tece considerações sobre a falta de assistência das Câmaras Municipais mediante os pedidos enviados por ofício e, finalmente, disserta sobre cuidados com a higiene e hábitos alimentares, destacando a necessidade de melhores formas de conservação dos alimentos e alertando sobre os perigos do consumo de alimentos estragados, em especial, da farinha de milho, comida comum dos mais pobres que, segundo ele, quando consumida em estado deteriorado, causava doenças e moléstias.

Em 1º de julho de 1830, o jornal *A Matutina Meiapontense* veiculou um relato sobre as condições do Hospital São Pedro de Alcântara, dessa por meio de uma correspondência enviada ao periódico:

[...] vi sete Soldados deitaddos em suas camas sobre huns Colxões muito sujós, humas com Lençoes, e outras sem elles, a Enfermaria tao immunda com os fragmentos das comidas, e mais porquidões occasionadas pela falta de ser varrida, que ate fedia, e causava tedio: nao vi huma só chinela para os doentes se servirem, quando se levantassem, dando causa a que pizem com os pés descalços sobré os tijôlos, ainda mesmo purgados: o unico Enfermeiro que ha, naó cumpre com os seos deveres (CORRESPONDENCIA, 1830, p. 4).

Diante dos dados apresentados pela pesquisa documental, pressupõe-se que existia uma preocupação do executivo e da sociedade goiana oitocentista para com as questões inerentes à saúde e à ciência. Todavia, a ênfase estava focada nos deveres individuais para com as medidas sanitárias, e não em políticas públicas, tal como analisa Magalhães (2004): “[...] a saúde pública sempre foi relegada a segundo plano. A responsabilidade pelas medidas sanitárias domésticas cabia a cada morador individualmente” (MAGALHÃES, 2004, p. 16).

Em outras páginas analisadas do periódico *A Matutina Meiapontense* é comum encontrar adjetivações ao povo de localidades goianas como sendo “selvagem”. Em linhas gerais, denúncias de mal cheiro, falta de higiene, relatos de alimentação inadequada (comida podre) e a concepção de que o hospital era um “lugar para morrer” são corriqueiras. Um exemplo pode ser visualizado no teor da primeira carta de uma mulher que foi veiculada no jornal *a Matutina Meiapontense* em novembro de 1830, na qual a leitora-redatora que assina com o pseudônimo de *Rosseira Zellosa* queixa-se das condições sanitárias na Vila Boa:

No dia 2 de 9br.º do corrente, dia em que se celebraõ os Divinos Officios pelas Almas dos nossos fieis defuntos, me achei na Cathedral desta Cidade de Goyaz para enviar as minhas Orações ao Todo Poderozo, e elle as distribuir pelas Almas, quando de improviso me vi a tacada do mais execrando fedor que extendia-se por toda a Igreja, de maneira que não só eu como as de mais Senhoras assaz fatigadas e possuídas de uma intima dor de cabeça maldisiamos deste modo. Será possível que os homêse stejaõ taõ faltos de temor de Deos, que se animem a enxer a sua Santa Caza de cadáveres os mais idiondos? Será crível que estejaõ alucinados, ou faltos de olfacto para o não sentirem o quao danoso hé semelhante abuzo para o bem publico? (ZELLOSA, 1830, p. 3-4).

O fato do sepultamento de membros da elite goiana no interior das igrejas levava à uma situação de calamidade pública, pois como não havia protocolos para esses enterros, o saturamento do solo em decorrência da grande quantidade de cadáveres, gerava um mau cheiro que atrapalhava a vida cotidiana na cidade de Goiás. Borges e Barbosa (2020) apontam que as reclamações da *Rosseira Zellosa* evidenciam a discrepância entre os gêneros na sociedade goiana oitocentista, já que as críticas são direcionadas aos homens que exercem funções públicas, que “[...] em prol de um costume reforçador de status, colocavam em risco a saúde e o conforto das pessoas que queriam exercer a sua religiosidade” (BORGES; BARBOSA, 2020, p. 179). Além disso, segundo as autoras, a denúncia da leitora-redatora que escreveu ao periódico meiapontense indica a necessidade de uso dos cemitérios, já que no subsolo das igrejas a terra já estava “[...] bastante insopada, e pela sua grande canceira já não admite que sepossa sepultar mais ninguem, por isso que o seu maó alito talvez tenha contaminado á todos os povos” (ZELLOSA, 1830, p. 4).

Apenas anos mais tarde, em 1859, foi possível a criação do Cemitério Público de São Miguel Arcanjo na Cidade de Goiás, bem como foram implementadas as normas de higiene que proibiam o enterro desses cadáveres no interior das igrejas. A partir da inauguração do Cemitério, os enterros, serviços fúnebres e atestados de óbitos passaram a ser de responsabilidade do Hospital São Pedro de Alcântara, aumentando assim os rendimentos da

instituição. O Cemitério Público de São Miguel Arcanjo permanece ativo até os dias atuais. Hoje, é administrado pela Prefeitura da Cidade de Goiás.

### **Saúde Pública, Higienismo e Cientificismo**

A dinâmica do comportamento da população goiana nos anos oitocentistas, conforme observado no tópico anterior, abriram caminhos para as doutrinas higienistas que carregavam consigo o cientificismo. Seja pelas denúncias presentes nos periódicos da época acerca de saúde pública ou pelos pedidos de médicos para a Província, em 1832, há no jornal *A Matutina Meiapontense* um trecho sobre a chegada de um Relatório da Comissão de Salubridade Geral da Sociedade de Medicina do Rio, revelando assim um movimento intelectual a favor dos saberes científicos:

Cabendo-me à distribuição de alguns exemplares do Relatório da Comissão de Salubridade geral da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro remetidos por Ordem da Regencia em Nome do Imperador, tenho a satisfação de enviar hum a Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia Nacional Installada em Meyaponte, bem convencido do apreço em que a Sociedade: terá este Folheto pelo vivo interesse que a mesma tona pelo bem publico (RELATORIO, 1832, p. 1).

Um ano antes, em 1831, através de Decreto Imperial, o jornal *A Matutina Meiapontense* veiculou um texto cujas narrativas têm como foco a importância das ciências da saúde e as possibilidades de estudos sobre medicina e farmácia na Província:

5.º Lembro em beneficio da saude publica, que he o bem mais preciozo da Humanidade, a manutenção de hum Boticario Chimico a custa da Faz. Nacional, com residencia na Caza do Hospital da Caridade impondo-se-lhe a obrigação de fazer preparamees para a Botica do mesmo Hospital, e de ensinar Chimica e Fharmacia a quem se proponha aprender. Toda a Prov. interessa muito nesta providencia pela falta absoluta, que experimenta de pessoas instruidas na materia (FOLIA, 1831, p.4).

Conforme foi mencionado, desde o início da imprensa goiana, é possível perceber a preocupação com a saúde pública e os estudos das áreas médicas, especialmente por meio de textos assinados por pessoas da elite goiana e reproduções de decretos imperiais no jornal *A Matutina Meiapontense*. Entretanto, ao analisar o *Correio Official*, segundo impresso goiano que começou a circular por meio da *Typographia Provincial* em junho de 1837, observa-se a presença de publicações acerca da medicina popular, com indicações de plantas e ervas para o tratamento de diversas doenças. Na edição nº 129, de 1866, por exemplo, há instruções para uma exposição de produtos agrícolas, industriais e obras de arte. Em edições seguintes há um catálogo com alguns desses produtos, tal como ilustra a figura a seguir:

Figura 2 – Mosaico de divulgação do uso medicinal de plantas veiculado pelo *Correio Oficial de Goyaz*

<p><b>Nº 56.—Pinhão Paraguaya.</b></p> <p>Exposto pelo mesmo. Este pinhão, <i>Jatropha curcas</i>, é muito conhecido, e abunda no município de Jaraguá, e em outros pontos da provincia. É drástico: a sua raiz emprega-se em molestias syphiliticas; da semente extrah-se um óleo, que se usa em vêz do de ricino; e do tronco faz-se excelente carvão, com que se prepara a pólvora. O leite, que dá o pinhão, applica-se com muita vantagem ás cortaduras ou golpes; e as folhas nos tumores, como estimulante.</p> <p><b>Nº 57.—Jalapão ou Amaro Leite.</b></p> <p>Exposto pelo mesmo. O jalapão, <i>Jatropha laxati</i>, raiz de um sipó do mesmo nome, emprega-se como drástico para combater o escorbuto e molestias cutaneas: há grande abundancia nos campos d'esta provincia, mormente nas Salinas, em uma das margens do Araguaya.</p>	<p><b>Nº 59.—Puaia branca.</b></p> <p>Exposta pela mesma commissão. A puaia branca, <i>Viola episcopatiana</i>, é empregada como emético.</p> <p><b>Nº 60.—Puaia cabelluda.</b></p> <p>Exposta pela mesma commissão. Esta puaia, <i>Tachibonina pilosa</i>, emprega-se do mesmo modo acima referido.</p> <p><b>Nº 61.—Sele sangrias.</b></p> <p>Exposta pela mesma commissão. A herva de sele sangrias, <i>Siphoria linearis Ratz</i>, emprega-se como ligeiro cathartico.</p>	<p><b>Nº 63.—Rhuibarbo de matto ou marri-rigó.</b></p> <p>Exposto pelo collector de Jaraguá, José da Silva Lobato. O rhuibarbo, <i>serpyllum bernardina</i>, é empregado como cathartico, emético, e anti-purico, conforme o modo de o preparar. Nasce espontaneamente no matto e nos campos: ha muito em toda provincia.</p> <p><b>Nº 64.—Fava medicinal.</b></p> <p>Exposta pela mesma commissão. Emprega-se contra dores de dente, colica, contra febres em geral e contra mordeluras de cobra.</p> <p><b>Nº 65.—Guiné.</b></p> <p>Exposta pelo collector de Jaraguá, José da Silva Lobato. Chama-se guiné a raiz de um pequeno arbusto, que nasce nos cerrados e catingas. A raiz tem um cheiro forte e gosto desagradavel; a emprega-se com summo proveito contra as molestias gallicas, e desarraijos da menstruação.</p> <p><b>Nº 66.—Quásis amara.</b></p> <p>Exposta pela commissão parochial de Jaraguá. Emprega-se nas inflamações do estomago, figudo &amp;c.</p> <p style="text-align: right;">(Continúa.)</p>
<p><b>Nº 58.—Velame branco.</b></p> <p>Exposto pela commissão parochial de Jaraguá. O velame branco, <i>Craton campatre</i>, emprega-se como purgativo e anti-rheumatico, e há grande abundancia nos campos desta provincia.</p>	<p><b>Nº 62.—Mamona (sementes de diversas qualidades.)</b></p> <p>Exposta pela mesma commissão. A mamona, <i>patua elavata</i>, tem applicação na medicina e nos usos domesticos: há abundancia em qualquer lugar da provincia; e vende-se em alqueires e suas subdivisões. O óleo, que d'ella se extrah, vende-se de quatrocentos a quinhentos réis a garrafa.</p>	

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir da Edição nº 175 de 11 de março de 1867 do *Correio Oficial de Goyaz* disponível na Biblioteca Nacional Digital - Hemeroteca Digital

Esse tipo de publicação presente em jornais goianos oitocentistas permite perceber a centralidade da utilização de plantas nos tratamentos das doenças, bem como à prática medicina popular que apresentava “[...] influências marcantes das culturas africana, indígena e europeia” (BRANDELLI, 2017, p. 9). Desse modo, durante o século XIX as plantas medicinais e as práticas empíricas, bem como os profissionais populares sem formação técnica formavam a base da terapêutica medicamentosa, inclusive no território goiano.

Após a independência do Brasil, grandes transformações são vividas no território brasileiro. De acordo com Silva (2012), no Segundo Reinado, o Império experienciou uma certa estabilidade política com um aumento na circulação de informações, notando-se assim a intensificação do número de periódicos, um crescimento econômico e urbano, mesmo que estes não sejam uniformes em todas as províncias. Assim, Silva (2012), afirma que essa movimentação enfraqueceu certos poderes tradicionais e regionais, pois o pensamento liberal alterou o comportamento das pessoas, tanto das elites quanto das classes populares, bem como os veículos de comunicação com as noções de liberdade de imprensa. E foi justamente neste contexto que a doutrina higienista foi estabelecida, sob o discurso de melhorar a qualidade de vida da população.

Na pesquisa documental realizada, percebe-se que o pensamento higienista sempre foi presente nas narrativas dos jornais, a exemplo das discussões sobre criação de cemitérios

e hospitais, da melhorias das escolas, da diminuição da quantidade de pessoas aglomeradas nos centros urbanos, da atenção sobre a alimentação e higiene das pessoas. Porém, a imprensa periódica cumpriu um importante papel ao fazer circular informações e conhecimentos que podem ser considerados de utilidade pública, ao mesmo tempo em que também cumpriu um papel político-educativo ao registrar reflexões e conjunturas importantes ao cenário econômico, social e de saúde.

Um exemplo pode ser visualizado no noticiário da edição 116 do *Correio Oficial de Goiás*, que circulou no dia 9 de fevereiro de 1866 e trouxe um texto intitulado “Estudos relativos á salubridade publica” que traz informações importantes acerca das condições sanitárias da Província, bem como elenca preocupações pertinentes para a época. Ocorre que a partir da estadia do médico Antonio de Jesus e Souza na Província, duras críticas foram tecidas às condições sanitárias da capital goiana, o que requereu providências imediatas do então presidente provincial Augusto Ferreira França.

Na mesma edição que repercutiu as impressões do médico Antonio Souza, foram divulgadas as medidas empreendidas pelo poder público goiano em resposta que tem início com a contextualização do momento vivido pelo Império com a desculpa pela guerra vivida (do Paraguai entre os anos de 1864-1870) mas sem se esquecer dos melhoramentos necessários para a Província. No texto, o presidente da Província destaca e elenca as várias melhorias estruturais realizadas em Goiás, tais como o depósito de artigos bélicos, a melhoria de estradas e pontes e a plantação de árvores no largo do chafariz para ser um lugar “pitoresco da cidade, proporcionando as famílias agradáveis passeios às tardes e em noites de luar”. Além disso, destacou o asseio da “Casa d’Assembléa”, a plantação de árvores nas margens do Rio Vermelho, a compra da imóveis para escola, as melhorias nas condições de higiene na cadeia da capital, dentre outros temas.

Em outro periódico que circulou na cidade de Goiás intitulado *O Publicador Goyano* que circulou entre 1885 e 1889, é possível perceber uma “editoria” denominada “Secção Científica”. Ao analisar os textos nela constantes, a impressão que se tem é a de que o redator objetivava traduzir o conhecimento científico para pessoas comuns, tal como pode ser observado nas edições 6 e 8, veiculadas, respectivamente, em 4 e 11 de abril de 1883 em texto intitulado “Hygiene Conservadora”.

No número 6, as narrativas do artigo elencam as leis fundamentais do organismo humano. O texto começa apontando o corpo humano como a “machina” mais inteligente e potente do universo e depois elenca algumas questões sobre embriologia, fecundação,

espermatozoides e nutrição. Ao falar da nutrição, o artigo faz uma analogia com os vegetais, os quais tiram os nutrientes da terra por meio das raízes e recebem o ar atmosférico pelas folhas. Posto isso, de forma simples, explica o processo de alimentação e digestão do ser humano, mencionando sobre substâncias minerais essenciais à vida e enfatizando que para o bom funcionamento do organismo, algumas condições dependem do próprio organismo e outras são exteriores, a exemplo da higienização. Para provar a necessidade da boa higienização e da medicina, o texto disserta acerca de abortos e natimortos, enfatizando que a medicina é necessária para a prevenção das moléstias futuras e para a contenção das suas evoluções, sendo que a higiene funciona como um agente do presente para a saúde humana. Como fechamento, recomenda algumas práticas cotidianas, tais como a absorção de ar puro; a boa alimentação; a eliminação de substâncias inúteis; as condições de calor, de luminosidade, movimento, exercício e educação sanitária.

No número 8, após uma longa exposição histórica-científica sobre o ar, tido anteriormente apenas como um mecanismo para a resfriação do sangue, disserta-se sobre a composição do Oxigênio e a função química do processo respiratório, que transforma o sangue venoso em sangue arterial. Por isso, o texto aponta que respirar um “ar puro e incessantemente renovado” é uma necessidade para se viver com saúde. Após essa comparação, foi explicitado sobre os males da febre palustre (malária), sendo que, como nessa época ainda não se sabia que o responsável pela transmissão da doença era um mosquito, a causa era apontada na insalubridade dos pântanos.

### **Considerações Finais**

Ao se pensar sobre questões científicas para a época é interessante observar a forma como os jornais conseguiam inserir o contexto de ciência em suas páginas. Essa forma de publicação, em uma seção periódica exclusiva para o assunto científico, traz a reflexão acerca da importância que se dava para esse tipo de conhecimento e o esforço para que a sociedade se interessasse pelo cunho científico, levando a abordagem de uma forma na qual tivesse aplicabilidade no cotidiano de quem tinha acesso a esse conteúdo. Por outro lado, os jornais, sendo espaços de contato direto com o público, com a circulação de ideias e como lugares de memórias, constituem um dos tripés deste trabalho, pois ao analisá-los percebe-se as mudanças de escrita, as preocupações com estética, os assuntos abordados e a introdução de temas científicos sendo expostos como uma forma de popularizar uma ciência que, até então era um monopólio da elite que, nas páginas dos periódicos, adquiria potencialidade de migrar para o cotidiano de pessoas que compunham outras camadas sociais.

No que concerne especificamente à saúde e à ciência nos jornais goianos oitocentistas, considera-se que o leque de abordagem deste assunto pelos periódicos que circularam em Goiás no século XIX é grande. O esforço da elite pelas mudanças dos hábitos de higiene e, alinhados aos ideais positivistas e progressistas, fazia com os impressos propagassem muitas denúncias e reclamações reforçadoras desses paradigmas, tal como a carta da Rosseira Zellosa que foi publicada no jornal A Matutina Meiapontense no ano de 1830. A introdução do cientificismo é percebida também no sentido de popularizar a ciência, colocando-a com aplicabilidade no dia a dia das pessoas. Como exemplo, tem-se a movimentação em torno do Hospital São Pedro de Alcântara e da necessidade em se construir um Cemitério Público na capital da Província.

As análises dos periódicos goianos oitocentistas a partir do olhar angulado para a ciência possibilita perceber a riqueza histórica e cultural presente nessas páginas e afirmar que é possível (re)escrever a história de uma sociedade a partir dos vários discursos e narrativas disponíveis. A busca pelo surgimento da ciência nesses lugares foi capaz de apontar mais que o saber sobre o conhecimento científico, pois também emanou modos de vida de uma sociedade e criou proximidades tanto pelo que ficou registrado, quanto pelo contexto conjuntural inserido.

### **Referências:**

BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. **Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social**. Delta, 31-especial, 2015 (97-126)

BORGES, Rogério. **O nascimento de Goiás**. Goiânia: Jornal O Popular, 2020. E-book. Matéria originalmente publicada na edição do jornal O POPULAR entre os dias 21 de março e 11 de abril de 2020.

BORGES, Rosana Maria Ribeiro; BARBOSA, Marialva Carlos Barbosa. Diálogos do “sexo débil”: significações das cartas de mulheres no jornal A Matutina Meiapontense (1830-1834). **Galáxia**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), São Paulo, nº 44, p. 173-187, mai-ago. 2020.

BRANDELLI CLC, Lima FG. Plantas medicinais: Histórico e Conceitos. In: Monteiro SC, Brandelli CLC. **Farmacobotânica**: aspectos teóricos e aplicação. Porto Alegre: Artmed. 2017; p.1- 13.

BRETAS, Genesco Ferreira. **História da instrução pública em Goiás**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991.

CARTONI, Daniela Maria. Ciência e Conhecimento Científico. **Anuário da Produção Acadêmica Docente**. Valinhos, vol. III, nº 5, p. 9-34, 2009.

CORRESPONDENCIA. **Jornal A Matutina Meiapontense**, n. 40, 01 jul. 1830, p. 4

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: Conversas sobre a história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

FOLIA. **Jornal A Matutina Meiapontense**, n. 275, 31 dez. 1831, p. 4

FONTELLES, Mauro José; SIMÕES, Marilda Garcia; FARIAS, Samanta Hasegawa; FONTELLES, Renata Garcia Simões. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista Paraense de Medicina**, Pará, jul.-set. 2009.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

MAGALHÃES, Sônia Maria de. Alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX. 2004. 254 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2004.

MORAES, Cristina de Cássia Pereira. **As Estratégias de Purificação dos Espaços na Capital da Província de Goiás 1835-1843**. Goiânia: ICHL/UFG, 1995 (Dissertação, Mestrado em História).

MOTTA, Luiz Gonzaga; COSTA, Gustavo Borges; LIMA, Jorge Augusto. Notícia e construção de sentido: análise da narrativa jornalística. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. XXVII, ed. 2, p. 31-51, jul/dez 2004.

PRESIDENTE. **Jornal A Matutina Meiapontense**, n. 33, 15 jun. 1830, p. 2

RABELO, Danilo. **Os Excessos do Corpo: a normatização dos comportamentos na Cidade de Goiás, 1822-1889**. Goiânia: FFCH/UFG, 1997 (Dissertação, mestrado em História).

RELATORIO. **Jornal A Matutina Meiapontense**, n. 356, 04 ago. 1832, p. 1.

SILVA, Deuzair José. **A (re)invenção do fim: lugares, ritos e secularização da morte em Goiás no século XIX**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História. Goiânia. 298 f.

ZELLOSA, Rosseira. Correspondencia. **Jornal A Matutina Meiapontense**, Meia Ponte, nº 98, 13 nov., p. 3-4, 1830.